

DF.
BRASÍLIA, PATRIMÔNIO

CULTURAL DA

30 NOV 1987

HUMANIDADE

José Aparecido de Oliveira

Brasília foi edificada no fim da década de 50, como expressão maior da grande revolução urbanística e arquitetônica do nosso tempo.

Já provados em obras pioneras, como o Ministério da Educação, no Rio, e a Pamplona, em Belo Horizonte, os arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer tiveram, em suas mãos, a responsabilidade de criar a cidade-símbolo da Nação. No memorial do Plano Piloto, Lúcio Costa começou por definir a futura Brasília: "Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente, sem esforço, as funções vitais, próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como URBES, mas como CIVITAS, possuidoras dos atributos de uma Capital. E para tanto a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de uma certa dignidade e nobreza de intenção, por quanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e os senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado o deseável caráter monumental. Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país".

E, ao idealizá-la, o Fundador Juscelino Kubitschek tinha a seguinte visão:

"A Nova Capital não deverá ser uma cidade como se outra houvesse, acanhada e provinciana, mas um monumento arquitetônico e urbanístico que reflete a própria grandeza do Brasil".

Esta força e grandeza sugerem agora à Unesco, em gesto inédito, concluir, nos próximos dias, a inclusão de nossa Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade. É a primeira vez que um monumento sem a pátria de mais de um século merecerá essa honraria.

O famoso urbanista inglês Sir William Halford, membro da Comissão Julgadora do Plano Piloto, já tinha consciência desse destino singular: — "É uma das mais importantes contribuições do século XX para as teorias do urbanismo moderno".

A decisão da Unesco também confirmará Juscelino, que ao receber críticas à monumentalidade dos projetos, respondeu:

— "Eu não estou construindo Brasília para o Brasil de hoje. Estou construindo a Capital do grande Brasil de amanhã. Uma cidade do futuro".

Malraux, intelectual de visão universal, a chamou de "capital da esperança", e Kenzo Tange, revolucionário arquiteto japonês, de "capital do futuro".

Mas, como síntese do país, ela retrata, por outro lado, nosso desenvolvimento histórico e a realidade nacional.

Desenhada para alcançar pouco mais de meio milhão na passagem do século, no limiar dos seus 28 anos somos quase dois milhões de habitantes no Distrito Federal. A ONU acaba de avisar-nos que, daqui a 13 anos, na aurora do Terceiro Milênio, seremos cerca de 4 milhões. E o professor José Carlos de Figueiredo Ferraz, ex-prefeito de São Paulo, que coordenou simpósio sobre o destino de Brasília, acha-timida a avaliação. Segundo ele, seremos mais de 5 milhões nesse desafio da atualidade. Ao celebrar, com o nascimento de um bebê iugoslavo, os 5 milhões de habitantes da terra, a ONU fez outra revelação espantosa: na folhinha de 1987, que termina com tantas perplexidades, incertezas e esperanças, nasceram 220 mil crianças por dia. Quase três por segundo.

Outro dia, no México, lembrei que em 1930 éramos um bilhão. Em 1960, três. Este ano, cinco. No ano dois mil, seis, e em 2010, sete bilhões. Daqui a 13 anos, mais um bilhão. Com mais dez anos, outro bilhão. Uma progressão assustadora.

No século passado, menos de 10% da população vivia nas cidades. Hoje, 40% dos habitantes da terra, 2 bilhões de homens, mulheres e crianças, se concentram em áreas urbanas. No Brasil, esses números são ainda muito mais graves. Menos de meio século atrás, há apenas 40 anos, 70% da população brasileira viviam no interior e 30% nas cidades. Hoje temos 75% nas cidades e só 25% no interior. Uma mudança fantástica.

E Brasília? Cidade-menina, ainda na placa da história, sofre o acelerado processo de explosão demográfica, consequência do fenômeno das migrações. As avenidas, os palácios, os eixos, as asas, as luzes, as conquistas sociais, tudo atrai populações deserdadas na esteira da busca de uma vida melhor. E se fixam ou se amontoam em fundos de lotes das Cidades-Satélites, em invasões nas periferias, criando o drama real da existência de duas Brasiliás: a do Plano Piloto e a dos demais núcleos urbanos, com um total desequilíbrio de renda e de condições de sobrevivência. Os recursos públicos não conseguem fornecer resposta à voragem das carências crescentes e prementes de segurança, transporte, saúde, educação, emprego, abastecimento de água e

de alimentação.

Por isso mesmo, como Patrimônio Cultural da Humanidade, Brasília amplia os caminhos de sua consolidação, pois hoje não dependemos apenas da União e do GDF, mas da própria consciência internacional sobre os problemas de uma cidade que ainda vive, a cada dia, as dores da recente criação. Com o novo título universal teremos acolhida privilegiada nas agências financeiras como o BID e o Banco Mundial, por exemplo. E só conseguiremos a histórica inscrição, porque retomamos o espírito que norteou a construção durante os mil dias heróicos do Planalto Central, promovendo a convocação e o retorno dos artistas — construtores, para repensarem linhas impostas pelo imprevisto crescimento e para preservar a cidade singular. Trouxe o talento dos idealizadores, que possibilitaram a obra mais arrojada do século, realizada pelos cidadãos da equipe liderada por Israel Pinheiro, tornando cimento e ferro o sonho dos brasileiros. O decreto de preservação — e não de tombamento — pedido pela Unesco, foi aprovado pelo CAUMA para proteger o futuro do brasiliense, inclusive contra a especulação imobiliária.

Ao falar no congresso "Cidade do Futuro e o Futuro das Cidades", dei notícia do primeiro projeto de Lúcio Costa na sua nova fase em Brasília — o aproveitamento das faixas linderas das vias de ligação entre o Plano Piloto e as Cidades-Satélites. Com 432 apartamentos distribuídos a pessoas cadastradas na Sociedade de Habitações de Interesse Social (SHIS), iniciou-se o novo programa de expansão urbana, que prevê a ocupação marginal das vias de ligação, com habitações de médio e baixo padrão financeiro.

O projeto do Guará tomou o nome de "Quadras Econômicas Lúcio Costa", enquanto em revisão global, mantendo as linhas gerais e ampliando as asas em benefício de novos adensamentos, o Plano de Expansão Urbana garante, nos próximos anos, condições de assentamento de uma população de mais de um milhão de habitantes. No documento "Brasília Revisitada — 1958/1987", com o subtítulo "Complementação, Preservação, Adensamento e Expansão Urbana", Lúcio Costa sugeriu várias soluções, com aproveitamento de áreas até agora ociosas no Plano Piloto.

Reafirmando seu princípio de que Brasília, a capital, deverá manter-se "diferente" de todas as demais cidades, propõe a ciração de dois novos bairros a oeste, Oeste Sul e Oeste Norte, a construção de pequenas quadras de quatro pavimentos entre a Vila Planalto e o Palácio da Alvorada, de quadras semelhantes na Estrada Parque Indústria e Abastecimento. E propõe, finalmente, a criação de duas novas asas, A Asa Nova Norte e a Asa Nova Sul, ocupando espaços vazios além da orla do lago.

Essas sugestões foram ao Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente e estão em desenvolvimento pelos técnicos, que têm estimulado o debate do assunto com toda a comunidade, sobretudo com os órgãos das citadas representações profissionais (arquitetos, engenheiros, urbanistas, sociólogos, economistas, professores da UnB). Todas as entidades receberam o trabalho do Professor Lúcio Costa encaminhado pelo GDF. E também, e prioritariamente, a ilustre Comissão do Distrito Federal no Senado da República e os honrados representantes brasilienses na Assembléa Nacional Constituinte.

O que é isso? Não é tombamento, mas ação democrática, planejada, com o consenso dos mais experientes e sábios.

Antes de concluir este artigo-resposta, peço emprestada ao mestre Edson Nery da Fonseca a citação de sentença do saudoso Gilberto Freyre: "Num livro significativamente intitulado *Brasis, Brasil*" e *Brasília*, o sociólogo Gilberto Freyre fala no casamento de cidades novas com serões antigos, acrescentando: "Em Goiânia, como em Brasília, brasileiros de um novo tipo, mais puramente nacional, estão já nascendo desse conúbio, para o serviço do Brasil. Brasília representa uma nova perspectiva para o Brasil inteiro: a perspectiva de um Brasil verdadeiramente inter-regional no seu modo de ser nação una e, ao mesmo tempo, plural: um Brasil feito de Brasis. Os brasileiros que vêm nascendo sob essa perspectiva, vêm nascendo mais completamente brasileiros que sob o regime antigo: o de um Brasil ainda sem a consciência do que devia haver de inter-regional no seu modo de ser nação de dimensões continentais e com deveres transatlânticos".

O que é isso? A mensagem da vocação e do destino de Brasília, capital da latidão no terceiro milênio. A oportunidade da renovação do compromisso do trabalho responsável e com visão no horizonte, de mãos limpas e democráticas, para honrar e manter a legenda da Unesco a ser conquistada na grata despedida de 1987: Brasília — Patrimônio Cultural da Humanidade.